



50 ANOS DE *NOSTRA AETATE* (1965 –2015): ESTREITANDO LAÇOS DE ESTIMA E AMIZADE. JUDAÍSMO E CRISTIANISMO.

**(50 years of *Nostra Aetate* (1965-2015): narrowing terms of
regard and friendship. Judaism and Christianity.)**

Fernando Gross

Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC/SP

E-mail: grossfernando@gmail.com

RESUMO

No caminho da continuidade da aplicação do documento conciliar do Vaticano II *Nostra Aetate*, que completa 50 anos, apresentar um material de aprofundamento bíblico baseado na tradição escrita e oral dos judeus e das orientações da Igreja desde o mesmo Vaticano II até aos dias atuais, confirmando o ensinamento dos últimos Papas, estreitando o caminho de estima mútua e amizade no diálogo com o Judaísmo e o patrimônio comum presente no Pentateuco e em todas as Sagradas Escrituras.

Palavras-chave: Torah; Judaísmo; Cristianismo; Tradição Oral; Diálogo Inter-religioso.

ABSTRACT

On the path of the continued application of the Second Vatican Council's Document *Nostra Aetate*, which turns 50, presenting a deepening biblical material based on written and oral tradition of the Jews and the Church's teaching from the same Vatican II up to the present days, by confirming the teaching of the last Popes, narrowing the route of mutual regard and friendship in dialogue with Judaism and the common heritage present in the Pentateuch and in all the Holy Scriptures.

Keywords: Torah; Judaism; Christianity; Oral Tradition; Inter religious Dialogue.

INTRODUÇÃO

"O ensino católico e a catequese em relação aos judeus e ao judaísmo, nos diferentes níveis de formação religiosa, na catequese dada às crianças e aos adolescentes, deve apresentar os judeus e o judaísmo não somente de maneira honesta e objetiva, sem nenhum preconceito e sem ofender a ninguém, mas



também, e mais ainda, com uma viva consciência da **herança comum a judeus e cristãos**".¹

Em 24 de junho de 2013 o Papa Francisco recebeu uma delegação de judeus no Vaticano para a continuidade do Diálogo entre Judeus e Cristãos e afirmou: "Nenhum cristão pode ser antissemita!". O interesse desta obra se insere no movimento da Igreja desde o Vaticano II, em seu Documento Conciliar "Nostra Aetate", de aprofundar as raízes santas do povo de Israel e da Igreja.

A Igreja tem para com o povo judeu uma relação intrínseca, ou seja, a partir de seu interior. No seu discurso na sinagoga de Colônia, aos 19 de agosto de 2005, o Papa Bento XVI reafirmou um ensinamento confirmado por seu sucessor: "Dadas as raízes judaicas do cristianismo, meu venerado predecessor, confirmando um julgamento dos bispos alemães, afirma: "Quem se encontra com Jesus Cristo se encontra com o Judaísmo".

Não é mais uma afirmação local, da conferência episcopal, e sim algo que foi assumido por dois Papas. O que nos autoriza a dizer que esta declaração não é mais uma teologia, mas é a afirmação de que a relação com o judaísmo e seu reconhecimento é um ensinamento da Igreja. É parte também do ensinamento da Igreja que o contexto do Novo Testamento é judaico: Jesus é judeu, Maria é judia, os Apóstolos são judeus e parte importante da Igreja primitiva é judia; contudo, isso somente não basta, pois dizem ainda os documentos da Igreja: o Israel de Deus não terminou com a destruição do Segundo Templo pelos romanos no ano 70. O judaísmo que a Igreja fala é o de Abraão, dos Profetas, de Jesus Cristo e do Israel de hoje.

O povo judeu atravessou a história e, segundo São Paulo, a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os dons, a vocação, a ele pertencem (cf. Rm 9, 4-5; 11, 1ss. 29). Portanto, o contato com o judaísmo e sua tradição nestes dois mil anos até nossos dias, é de uma grande ajuda para a compreensão de nossa própria fé. O Cardeal Koch Kurt, retomando os ensinamentos de São Paulo, faz uma afirmação profunda que reflete o mistério da fé cristã e sua relação com o judaísmo: "Judeus e cristãos são, precisamente em suas diferenças, o povo de Deus, capazes de enriquecer um ao outro na amizade recíproca" (Cardeal Koch Kurt, 16 de maio de 2012, Roma, Universidade Pontifícia São Tomás de Aquino). Os dois formam o único povo Deus. É preciso e necessário desenvolver a teologia desta afirmação da Igreja e que já está afirmada em São Paulo.²

¹ SÃO JOÃO PAULO II. **Discurso aos delegados das conferências episcopais sobre as relações com o judaísmo.** (Roma, 06/03/1982). Disponível em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820306_rapporti-ebraismo.html>. Acesso em 23 de março de 2015.

² Ir. Elio Passeto, religioso de Nossa Senhora de Sion, em prefácio de sua autoria à obra: **O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga.** Gross, Fernando. Coleção Judaísmo e Cristianismo. São Paulo: CCEJ e Edições Fons Sapientiae. 2ª Edição, 2015.



O objetivo principal deste estudo do Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga é de ser mais um instrumento e incentivo para conhecer melhor o grande *Patrimônio Espiritual Comum aos cristãos e aos judeus*. E, por isso, o título: *“Para aumentar os laços de estima e amizade entre judeus e cristãos”*. Os desafios são grandes, assim como é imenso o oceano de sabedoria presente na tradição do Judaísmo. Conhecer melhor a interpretação judaica das Escrituras ajudará o Cristianismo a compreender melhor a sua própria identidade, crescer melhor a partir das raízes santas do Judaísmo, e não como uma experiência nascida do nada, sem história, ao sabor dos ventos. A Igreja nasceu advinda do judaísmo e com a chegada de tantas outras pessoas das nações pagãs. Aprofundar e conhecer melhor as tradições paternas que Paulo de Tarso tanto amou e nelas cresceu (cf. Gl 1,14) ajudará mais ainda o anúncio

“Daquele que quis de dois povos formar em si mesmo um só homem novo, estabelecendo a paz e reconciliando os dois com Deus, em um só corpo, mediante a cruz, na qual matou a inimizade. Veio para anunciar a paz: paz para vós que estáveis longe e paz para os que estavam perto. É por ele que todos nós, judeus e pagãos, temos acesso a Deus num só Espírito”.³

1. APRESENTAÇÃO DAS PARTES DESTE ESTUDO BÍBLICO

A) Conhecer a História do Diálogo Judaico-Cristão após a 2ª Guerra Mundial até os dias de hoje: A Igreja e o seu Ensino sobre os Judeus no Concílio Vaticano II – Textos fundamentais a serem conhecidos para um correto e frutuoso conhecimento sobre a importância do diálogo entre judeus e cristãos e a ação pastoral dos Papas desse período até os dias atuais, confirmando esse ensinamento eclesial.

B) Conscientizar-se do Patrimônio Espiritual Comum: Através do estudo das Porções Semanais da Palavra de Deus (Parashot – plural de cada Parasha em hebraico), lidas na Sinagoga no ciclo de um ano, entrar em contato com a grande Tradição Oral de Israel a partir da literatura rabínica, dos sábios de Israel, os comentários a respeito da Torah Escrita e ilustrada também através de uma seleção de Midrashim (plural de Midrash).

Entremos, portanto, com humildade, descalçando as sandálias como o Grande Amigo de Deus, Moisés, neste terreno santo das Escrituras Sagradas e na Tradição de Israel, onde Deus Se revela.⁴ "O dever do judeu", disse Eliel Wiesel, "não é fazer deste mundo um mundo mais judaico. O dever do judeu é fazer deste mundo um mundo mais humano". Assim também o objetivo deste estudo é recuperar um caminho comum vivido na tradição e na herança de fé dos Patriarcas, das Alianças, das promessas de Deus reveladas, e cumpridas no tempo da Sua Salvação. Por causa das traduções bíblicas ao longo do tempo, incluímos também um pequeno *Índice das palavras no original em Hebraico* e a tradução constante na maior parte das Bíblias católicas e cristãs.

³ Cf. Ef 2,14-18.

⁴ Cf. Ex 3,5.



Qual é o ensinamento da Igreja sobre os judeus após o Concílio Vaticano II (1962-1965)? Quais são os textos fundamentais a serem conhecidos para um correto e frutuoso conhecimento e diálogo entre judeus e cristãos?⁵

Após o silêncio do mundo e do assassinato em massa de mais de 6 milhões de judeus da Europa durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), ação planejada e executada pelos nazistas com perfeição industrial, um exame de consciência foi e ainda tem sido feito sobre as reais causas para que um cenário bárbaro desse tipo tenha sido possível no Ocidente cristão.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), o lado cristão abordou o fenômeno do antissemitismo na Conferência Internacional sobre a Emergência do Antissemitismo, que teve lugar de 30 de julho a 05 de agosto de 1947, em Seelisberg, na Suíça. Cerca de 65 pessoas, entre judeus e cristãos de várias denominações, reuniram-se para uma ampla discussão sobre como o antissemitismo poderia ser arrancado em suas raízes.

A *Conferência de Seelisberg* teve como objetivo estabelecer uma nova base para o diálogo entre judeus e cristãos e aumentar a compreensão mútua. Para acompanhar o desenvolvimento da posição que se cristalizou dentro da Igreja nos anos após a guerra, dois homens tiveram papel marcante na condenação do antissemitismo pela Igreja:

Um deles é judeu – *Jules Isaac* (1877-1963), historiador francês, foi o fundador do grupo chamado "Amitié Judeo-Chretienne" (Amizade Judaico-Cristã), que se tornaria o modelo de muitas organizações desse tipo. Jules Isaac tomou parte ativa no encontro de Seelisberg, fornecendo bases históricas que levariam à revisão da atitude da Igreja para com o judaísmo.

O outro é católico, *Augustin Bea* (1881-1968), alemão nascido em Baden, que um dia iria tornar-se o reitor do Pontifício Instituto Bíblico e depois cardeal de Roma. Foi editor do periódico *Biblica* (1930-1950), além de pertencer a uma dezena de organismos internacionais e um biblista de renome. Após a guerra, baseando-se em seus estudos bíblicos e teológicos desafiou a imagem convencional do judeu e do judaísmo e lutou para que fosse corrigida a interpretação que coloca a culpa da crucificação sobre os judeus. O cristianismo se posicionou por meio do Vaticano e do Conselho Mundial de Igrejas, condenando o antissemitismo.

Baseados nos estudos bíblicos do século passado, chegou-se a uma primeira formulação, em 1947, em Paris, do programa de retificação do ensino cristão a respeito

⁵ Os principais pontos aqui apresentados são fruto do Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil, *Estudos da CNBB – 46 – 1986* e do Discurso do Cardeal Kurt Koch, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e Presidente da Comissão da Santa Sé para as Relações Religiosas com o Judaísmo (Palestra realizada em 16 de maio de 2012, na Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino - Angelicum - em cooperação com o Centro João Paulo II para o Diálogo Inter-religioso, liderada pelo Rabino Jack Bemporad).



do antissemitismo. São os chamados *10 Pontos de Seelisberg*, fruto de um verdadeiro diálogo judeu-cristão:

1. *Deve ser lembrado que um só e mesmo Deus nos fala no Antigo e no Novo Testamento.*

2. *Não se pode esquecer que Jesus nasceu de mãe judia, pertencia à família de Davi e ao povo de Israel, e que seu amor eterno abrange o seu povo e o mundo inteiro.*

3. *Recorde-se ainda que os primeiros discípulos, os Apóstolos, e os primeiros mártires eram judeus.*

4. *Tenha-se presente que o principal mandamento do cristianismo, o amor de Deus e do próximo, anunciado no Antigo Testamento e confirmado por Jesus, obriga igualmente, cristãos e judeus, em todas as relações humanas.*

5. *Deve-se evitar diminuir o judaísmo bíblico e pós-bíblico para exaltar o cristianismo.*

6. *Não se deve empregar a palavra "judeu" para designar exclusivamente os inimigos de Jesus, e as palavras "inimigos de Jesus" para designar o povo judeu em seu conjunto.*

7. *Não se deve apresentar a Paixão de Jesus, como se todos os judeus, ou somente os judeus, tivessem incorrido na odiosidade da crucificação. Não foram todos os judeus que pediram a morte de Jesus, nem foram somente judeus que se responsabilizaram por ela. A Cruz, que salva a humanidade, revela que Cristo morreu pelos pecados de todos. Pais e mestres cristãos deveriam ser alertados a respeito de sua grande responsabilidade na maneira de narrar os sofrimentos de Jesus. Se o fazem de uma forma superficial, correm o risco de fomentar aversões no coração das crianças ou dos ouvintes. Numa mente simples, movida de um ardente amor compassivo pelo Salvador crucificado, o horror natural dos perseguidores de Jesus pode facilmente tornar-se, por motivos psicológicos, ódio indiscriminado pelo judeu de todos os tempos, inclusive nos nossos dias.*

8. *Não se devem evocar as condenações bíblicas e o grito da multidão enraivecida: "Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mt 27,25) sem lembrar que esse grito não anulou as palavras de nosso Senhor, de conseqüências incomparavelmente maiores: "Pai, perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem" (Lc 23,24).*

9. *É preciso evitar qualquer tentativa de mostrar os judeus como um povo reprovado, amaldiçoado e votado a um sofrimento perpétuo.*

10. *Deve ser mencionado que os primeiros membros da Igreja eram judeus.*

Os que se reuniram em Seelisberg não podiam ainda imaginar que, com o correr dos anos, o Vaticano tomaria uma posição oficial frente ao antissemitismo. Baseada nos eventos da Segunda Guerra Mundial, nos estudos históricos, bíblicos e teológicos, a Igreja se preparou para um pronunciamento oficial.



No âmbito católico, a declaração do Concílio Vaticano II sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs, "*Nostra Aetate*" pode ser considerada o início de um diálogo sistemático com os judeus. Ainda hoje, ele é considerado o "documento" e "Carta Magna" do diálogo entre a Igreja Católica Romana e o Judaísmo.⁶

Hoje, na Cúria Romana, existe um Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e no âmbito do Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, uma Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo. Embora a Comissão Especial, instituída pelo Papa Paulo VI em 22 de outubro de 1974, esteja ligada em um nível funcional ao Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, é estruturalmente independente e responsável para acompanhar e promover o diálogo religioso com o judaísmo. No primeiro ano de sua fundação, em 1º de dezembro de 1974, a Comissão publicou o seu primeiro documento oficial com o título "*Orientações e sugestões para a implementação da Declaração Conciliar Nostra Aetate*". A preocupação principal deste trabalho é a de expressar a alta estima do judaísmo pelo cristianismo, enfatizar a grande importância para a Igreja do diálogo com os judeus.

Procurou-se focar a natureza específica do diálogo com o judaísmo, refere-se à relação entre a liturgia cristã e liturgia judaica, a aproximação, novas oportunidades nos campos de ensino, educação e formação, e, finalmente, são feitas sugestões para a ação social comum.

Onze anos depois, em 24 de junho de 1985, a Comissão foi capaz de apresentar um segundo documento, intitulado "*Notas sobre a correta apresentação dos judeus e do judaísmo na pregação e na catequese na Igreja Católica*". Este documento tem um maior e forte foco no campo da Teologia e da Exegese, na medida em que reflete sobre a relação entre o Antigo e o Novo Testamento, demonstra as raízes judaicas da fé cristã, observa as semelhanças na liturgia, especialmente nas grandes festas do ano litúrgico. Este trabalho enfoca como o judaísmo é tratado como assunto da pregação e da catequese na Igreja Católica. De particular interesse é o fato de que este documento se refere também ao estado de Israel e suas opções políticas, isto é, devem ser considerados em uma perspectiva que não é em si religiosa, e sim referente aos princípios do direito internacional.

Durante sua visita à Sinagoga de Roma, em 13 de abril de 1986, o Papa João Paulo II expressa nestas palavras claras e impressionantes: "A religião judaica não é 'extrínseca', mas de alguma forma ela é 'inerente' à nossa religião; portanto, temos uma relação com os judeus, que nós não temos com qualquer outra religião. Vocês são nossos irmãos muito amados e, em certo sentido, pode-se dizer nossos irmãos mais velhos".

O terceiro e último documento da Comissão para as Relações Religiosas com os Judeus foi apresentado ao público em 16 de março de 1998. Ele lida com o Holocausto, sob o título: "*Nós recordamos: uma reflexão sobre o Shoah*".

⁶ Cf. Artigo nº 4 da Declaração Conciliar Nostra Aetate de 28 de Outubro de 1965.



O impulso principal para este texto veio do lado judaico e realiza um julgamento duro, considerando o saldo de 2000 anos de relações entre judeus e cristãos como bastante negativo; recorda a atitude dos cristãos frente ao antissemitismo do nacional-socialismo alemão e se concentra no dever da responsabilidade dos cristãos para lembrar a catástrofe humana, sem precedentes na História, com a Shoah (literalmente, *extermínio, catástrofe*).

Em uma carta, no início desta declaração, o Papa João Paulo II expressou a esperança de que este documento "realmente ajude a curar as feridas causadas por equívocos e injustiças do passado. Ele pôde permitir que a memória desempenhe o seu papel legítimo na construção de um futuro em que nunca mais a injustiça inominável do Holocausto possa ser possível novamente".

Na série de documentos do Vaticano, foi publicado pela Pontifícia Comissão Bíblica, em 24 de maio de 2001, um texto volumoso que trata explicitamente do diálogo católico-judaico: "*O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*". Este documento procura mostrar o rico tesouro de temas comuns no diálogo entre judeus e cristãos, que tem o seu fundamento nas Escrituras Sagradas do judaísmo e do cristianismo.

No prefácio, o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o então cardeal Josef Ratzinger, defende "um novo respeito para a interpretação judaica do Antigo Testamento. O documento afirma duas coisas: em primeiro lugar, que "a leitura judaica da Bíblia é possível, e que está em continuidade com as Escrituras Sagradas dos judeus do período do Segundo Templo, uma leitura análoga à leitura cristã, que foi desenvolvida em paralelo"(Cf. n° 22). Em segundo lugar, acrescenta que os cristãos podem aprender muito com exegese judaica praticada por mais de 2000 anos, e, em troca, os cristãos podem esperar que os judeus também se beneficiem da investigação cristã da exegese (ibid.)."

O próprio Papa Bento XVI, anos mais tarde, ao visitar a Sinagoga de Roma, faz uma brilhante síntese dos reais motivos de toda espécie de discriminação contra os judeus e contra a humanidade: "O passar do tempo nos permite reconhecer, no século XX, uma época realmente trágica para a humanidade: guerras sangrentas que semearam destruição, morte e dor como nunca acontecera; ideologias terríveis que tiveram em sua raiz a idolatria do homem, da raça, do estado e que levaram uma vez mais o irmão a matar outro irmão. O drama singular e transtornador da Shoah representa, de certo modo, o vértice de um caminho de ódio que nasce quando o homem esquece o seu Criador e coloca a si mesmo como o centro do universo".⁷

E o próprio Cardeal Kurt Koch faz um balanço atual da Declaração "*Nostra Aetate*": "A declaração permanece no seu empenho e no esforço essencial para o diálogo judaico-católico, e podemos dizer, com gratidão, que esta redefinição teológica da relação com o judaísmo trouxe bons frutos. Parece que, com relação ao conteúdo, os Padres do

⁷ Cf. Discurso do Papa Bento XVI em visita à Sinagoga de Roma no dia 17 de janeiro de 2010.



Concílio na época, consideraram quase tudo, pois tem sido importante na história deste diálogo. Do lado judeu, a Declaração sempre foi apontada como positiva, particularmente na sua posição inequívoca contra todas as formas de antissemitismo. É sobre esta base, não menos importante, que os judeus mantêm a esperança e certeza de que eles têm na Igreja Católica, um aliado confiável na luta contra o antissemitismo”.

Nas últimas décadas, o princípio fundamental do respeito para com o judaísmo, expressa em "*Nostra Aetate*" permitiu que grupos que inicialmente se consideravam mutuamente com algum ceticismo, gradualmente se tornassem parceiros de confiança ou mesmo bons amigos, capazes de lidar com crises juntos e superar os conflitos de uma forma positiva.

Apresentamos a seguir alguns principais pensamentos e gestos históricos em favor do Diálogo entre judeus e cristão feitos pelos últimos três Papas: *João Paulo II (1978-2005)*; *Bento XVI (2005-20013)* e *Francisco (2013-)*.

2. PAPA JOÃO PAULO II E OS JUDEUS

O Papa João Paulo II, no último dia de sua peregrinação a Israel, foi ao Kotel (Muro das Lamentações), colocando, entre suas pedras milenares, a seguinte mensagem: "Deus de nossos pais, escolheste Abraão e seus descendentes para levar Teu nome às nações. Estamos profundamente tristes com o comportamento daqueles que, ao longo da História, fizeram sofrer esses Teus filhos..." (26/03/2000).

Foi ele o primeiro Pontífice a expressar o direito dos judeus de voltar à sua terra natal e, em 1993, promoveu o reatamento das relações diplomáticas entre Israel e a Santa Sé. O Pontífice disse:

"Vim a Yad Vashem (nome do Museu em Israel) para render homenagem aos milhões de judeus que, privados de tudo e especialmente de sua dignidade humana, foram assassinados durante o Holocausto. Não há palavras fortes o suficiente para deplorar a terrível tragédia que foi a Shoá (literalmente, a Catástrofe). Asseguro ao povo judeu que a Igreja Católica está profundamente entristecida com o ódio, atos de perseguição e demonstrações de antissemitismo dirigidos contra os judeus por cristãos, em qualquer tempo e em qualquer lugar".

Em 12 de março de 2000, o Papa Beato João Paulo II pediu perdão em nome da Igreja Católica pela perseguição aos judeus durante os séculos anteriores e por dois mil anos de pecados cometidos em nome da instituição.

3. QUANDO UM PAPA FOI PELA PRIMEIRA VEZ À SINAGOGA DE ROMA



“Um evento histórico que mudou tudo. Foi um gesto simbólico muito importante”. Assim o rabino da comunidade judaica de Roma, Riccardo di Segni, comentou o 27º aniversário da primeira visita de um Papa à Sinagoga de Roma.

A histórica visita do Papa João Paulo II à Sinagoga de Roma foi realizada em 13 de abril de 1986. O então rabino, Elio Toaff, aguardava Karol Wojtyla na entrada da Sinagoga. Abraçaram-se duas vezes, quando então o Papa chamou os judeus de ‘irmãos’. “Eu estava ali”, disse De Segni.

No entanto, o primeiro gesto ‘revolucionário’ com relação aos judeus foi dado pelo Papa Roncalli, antes ainda do Concílio Vaticano II. O ex-rabino de Roma, Elio Toaf, escreveu na sua biografia:

“Recordo quando, em 1959, João XXIII fez parar na Av. Lungotevere o cortejo pontifício para abençoar os judeus que, como era sábado, saíam da Sinagoga. Foi um gesto que provocou entusiasmo em todos os presentes que circundavam seu automóvel, para aplaudi-lo e saudá-lo. Era a primeira vez que um Papa abençoava os judeus”.

Alguns pensamentos centrais do discurso do Papa João Paulo II nesta visita à Sinagoga de Roma:

“Houve na verdade muitas situações históricas do passado, diferente dos tempos atuais, que foram amadurecendo ao longo dos séculos para a convivência boa e saudável da vida social, civil e religiosa no mundo, sempre alcançada com muita dificuldade, ou ainda em processo lento e doloroso para muitos países chegarem a tal nível de convivência”.

A Igreja hoje reconhece, como no Decreto conhecido como *Nostra Aetate*, número 04, dos documentos conciliares do Vaticano II, a indignação e o lamento contra o ódio, perseguições, manifestações de antissemitismo dirigidos contra os judeus em qualquer tempo e por qualquer pessoa. O povo judeu tem sua origem a partir de Abraão, que é o pai da nossa fé como expressou São Paulo de Tarso. Com o povo judeu a Igreja Católica tem vínculos de um patrimônio espiritual comum imenso. Portanto, temos uma relação com os judeus que não temos com qualquer outra religião.

Aos judeus não pode ser atribuída nenhuma culpa ancestral ou coletiva ao que foi feito na Paixão de Jesus. Não indiscriminadamente aos judeus daquela época, não para aqueles que vieram depois e não aos judeus de hoje. Deus julgará a cada um conforme as suas obras, aos judeus e aos cristãos (Cf. Rm 2,6)”.

A Igreja declara não ser justo dizer que os judeus são repudiados ou amaldiçoados tendo em vista qualquer conclusão a partir das Sagradas Escrituras ou a partir do Novo Testamento, uma vez que a própria carta de São Paulo aos Romanos (Rm 11,28-29) e a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (nº 6) afirmam que “os judeus são amados por Deus que os chamou com uma vocação irrevogável”.



Essas afirmações são baseadas nas relações atuais entre os judeus e cristãos, pela ação pastoral dos últimos Papas, reafirmadas e proclamadas na Igreja o seu valor permanente. Estamos num caminho longo para que isso cada vez mais aconteça em cada nível de mentalidade, educação e comunicação.

O próprio Jesus, filho do povo judeu, de onde nasceu também a Virgem Maria, os apóstolos e a maioria dos membros da primeira comunidade cristã eram também judeus. O diálogo será sempre mais forte e sincero no respeito das convicções pessoais de ambos os lados, mas tendo sempre como base os elementos fundamentais da Revelação que temos em comum, como a 'grande herança espiritual'. "Devemos trabalhar sempre juntos para que a paz completa (Shalom) reine neste país e nos continentes do mundo inteiro".

4. PAPA BENTO XVI E OS JUDEUS

Para a comunidade judaica, uma das realizações mais importantes de Bento XVI tem sido a de isentar os judeus da responsabilidade pela morte de Jesus. Em um de seus livros, publicado em 2011, "Jesus de Nazaré", o Papa escreveu que "a aristocracia do templo" em Jerusalém e as "massas" - e não "o povo judeu como um todo" - foram os responsáveis pela crucificação de Cristo.

O Congresso Judaico Mundial afirmou em um comunicado que o Papa Bento XVI "elevou as relações entre católicos e judeus a um nível sem precedentes". "Nenhum papa antes dele visitou tantas sinagogas. Ele se reuniu com representantes da comunidade judaica, sempre que viajava ao exterior. Nenhum papa antes dele tinha realizado tanto esforço para melhorar as relações com os judeus, em diversos níveis", saudou o texto.

A seguir, algumas ideias principais do profundo conteúdo teológico e bíblico do discurso que o Papa Bento XVI dirigiu à comunidade judaica de Roma, durante sua visita à Grande Sinagoga⁸:

“Agradeço a Deus por nos ter dado a graça de nos encontrarmos, tornando mais firmes os laços que nos unem e para continuar a percorrer o caminho da reconciliação e da fraternidade. Há 24 anos veio como cristão e como Papa, pela primeira vez, o venerável João Paulo II, que quis oferecer uma contribuição decisiva à consolidação das boas relações entre as nossas comunidades, para superar toda incompreensão e prejuízo. Esta minha visita se insere no caminho traçado, para confirmá-lo e reforçá-lo. Com sentimentos de viva cordialidade, me encontro em meio a vocês para manifestar minha estima e afeto que o Bispo e a Igreja de Roma, assim como a inteira Igreja Católica, nutrem por esta Comunidade e com as Comunidades judaicas espalhadas pelo mundo. A doutrina do Concílio Vaticano II representou para os católicos um ponto decisivo de referência constante na atitude e nas relações com o povo judeu, abrindo uma nova e significativa etapa. O evento conciliar deu um impulso decisivo ao

⁸ Cf. Discurso do Papa Bento XVI na Sinagoga de Roma, em 17 de Janeiro de 2010.



compromisso de percorrer um caminho irrevogável de diálogo, de fraternidade e de amizade, caminho que se aprofundou e desenvolveu nestes quarenta anos com passos e gestos importantes e significativos. Também eu, nestes anos de pontificado, quis demonstrar minha proximidade e meu afeto ao povo da Aliança. Além disso, a Igreja não deixou de condenar as faltas de seus filhos e filhas, pedindo perdão por tudo que pode favorecer de algum modo as chagas do antissemitismo e do antijudaísmo. Possam essas chagas sararem definitivamente!”⁹

Volta sempre à memória a oração de pesar no Muro do Templo de Jerusalém do Papa João Paulo II, em 26 de março de 2000, que soa verdadeira e sincera no profundo de nosso coração:

“Deus de nossos pais, tu escolheste Abraão e a sua descendência para que Teu nome seja levado aos povos: estamos profundamente aflitos pelo comportamento dos que, no curso da história, lhes fizeram sofrer, eles que são teus filhos, e pedindo-Te perdão por isto, queremos comprometer-nos a viver uma fraternidade autêntica com o povo da Aliança”.

A nossa proximidade e fraternidade espiritual se acham na Sagrada Bíblia – em hebraico *Sifre Qodesh* ou “Livros da Santidade” – o fundamento mais sólido e perene, no qual nos colocamos constantemente diante de nossas raízes comuns, à história e ao rico patrimônio espiritual que partilhamos. É perscrutando o seu próprio mistério que a Igreja, Povo de Deus da Nova Aliança, descobre a sua profunda ligação com os judeus, escolhidos pelo Senhor primeiramente entre todos para acolher sua palavra.¹⁰

Numerosas podem ser as implicações que derivam da comum herança que vem da Lei e dos Profetas. Gostaria de recordar algumas: primeiramente, a solidariedade que liga a Igreja e o povo judeu “pela própria identidade” espiritual e que oferece aos cristãos a oportunidade de promover “um renovado respeito pela interpretação hebraica do Antigo Testamento”¹¹; a centralidade do Decálogo como mensagem ética comum de valor perene para Israel, a Igreja, os que não creem e a humanidade inteira; o compromisso por preparar e realizar o Reino do Altíssimo no “cuidado da criação” confiado por Deus ao homem para que a cultive e a mantenha responsabilmente (cf. Gn 2,15).

Em particular o Decálogo – as “Dez Palavras” ou Dez Mandamentos (cf. Ex 20, 1-17; Dt 5, 1-21) – que provém da Torah de Moisés, constitui a chama da ética, da esperança e do diálogo, estrela polar da fé e da moral do povo de Deus, e ilumina e guia também o caminho dos cristãos. Ele constitui um farol e uma norma de vida na justiça e no amor, um “grande código” ético para toda a humanidade. As “Dez Palavras” jogam luz sobre o bem e sobre o mal, sobre o verdadeiro e o falso, sobre o justo e o injusto, também segundo os critérios da consciência reta de cada pessoa humana. Jesus muitas vezes o repetiu várias vezes, sublinhando que é necessário um compromisso operoso sobre o

⁹ Cf. Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, Nós Recordamos: uma reflexão sobre a Shoah, 16 de março de 1998.

¹⁰ Cf. Catecismo da Igreja Católica, § 839.

¹¹ Cf. Pontifical Comissão Bíblica, O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã, 2001, pp. 12 e 55.



caminho dos Mandamentos: "Se queres entrar na vida, observa os Mandamentos" (Mt 19,17).

Nessa perspectiva, são vários os campos de colaboração e de testemunho. Gostaríamos de recordar três particularmente importantes para o nosso tempo:

As "Dez Palavras" pedem para recordar o único Senhor, contra a tentação de se construir outros ídolos, de se fazer bois de ouro. Em nosso mundo, muitos não conhecem a Deus ou o consideram supérfluo, sem importância para a vida; foram fabricados assim outros e novos deuses diante dos quais os homens se inclinam. Despertar em nossa sociedade a abertura da dimensão transcendente, testemunhar o único Deus é um serviço precioso que Judeus e Cristãos podem oferecer juntos.

As "Dez Palavras" pedem respeito, a proteção da vida contra injustiça e exploração, reconhecendo o valor de toda pessoa humana, criada segundo a imagem e semelhança de Deus. Quantas vezes, em toda parte da terra, próxima ou distante, são ainda violados a dignidade, a liberdade, os direitos do ser humano! Testemunhar juntos o valor supremo da vida contra todo egoísmo, é oferecer uma importante contribuição ao mundo no qual reine a justiça e a paz, o "shalom" desejado pelos legisladores, pelos profetas e pelos sábios de Israel.

"As "Dez Palavras" pedem para conservar e promover a santidade da família, onde o "sim" pessoal e recíproco, fiel e definitivo do homem e da mulher, abre o espaço para o futuro, para a autêntica humanidade de cada um, e se abre, ao mesmo tempo, ao dom de uma nova vida. Testemunhar que a família continua sendo a célula essencial da sociedade e o contexto de base onde se aprende e se exercita as virtudes humanas é um precioso serviço a ser oferecido para a construção de um mundo que tenha um rosto mais humano.

Como ensina Moisés na oração do Shemá – Ouve, Israel – (cf. Dt 6,5; Lv 19, 34) e Jesus confirma no Evangelho (cf. Mc 12, 19-31) todos os mandamentos se resumem no amor de Deus e na misericórdia para com o próximo. Tais regras empenham os judeus e os cristãos a se exercitarem, em nosso tempo, numa generosidade especial para com próximo, com as mulheres, com as crianças, com os estrangeiros, com os doentes, com os fracos, com os necessitados. Na tradição hebraica existe um admirável tratado chamado "Dito dos Pais de Israel": "Simão o Justo costumava dizer: O mundo se fundamenta sobre três coisas: a Torah, o culto e os atos de misericórdia" (Abot 1,2).

Com o exercício da justiça e da misericórdia, Judeus e Cristãos são chamados a anunciar e a testemunhar o Reino do Altíssimo que vem, e pelo qual rezamos e trabalhamos cada dia com esperança. Nesse sentido, podemos dar passos juntos, conscientes das diferenças que existem entre nós, mas também do fato que conseguiremos unir nossos corações e nossas mãos para responder à chamada do Senhor, sua luz se fará mais próxima para iluminar todos os povos da terra. Os passos realizados nestes quarenta anos da Comissão Internacional Católico-Judaica e, nos anos



mais recentes, pela Comissão Mista da Santa Sé e do Grande Rabinato de Israel, são um sinal da vontade comum de continuar um diálogo aberto e sincero.

5. CARDEAL JORGE BERGOGLIO E OS JUDEUS

Sob sua liderança em Buenos Aires, o Cardeal Jorge Bergoglio fez importantes caminhadas em sustentar positivas relações entre católicos e judeus, seguindo os papados transformadores do Papa João Paulo II e Papa Bento XVI – pontífices que lançaram a reconciliação histórica entre a Igreja Católica e povo judeu. O Cardeal Bergoglio sustentou um íntimo relacionamento com a comunidade judaica na Argentina. Ele celebrou várias festas judaicas com a comunidade judaica argentina.

O arcebispo de Buenos Aires e primaz da Argentina, cardeal Jorge Mario Bergoglio, participou, em 08 de agosto de 2007, na sinagoga Benei Tikvá Slijot, de um ofício religioso com motivo do Ano Novo judaico (Rosh Hashaná), e explicou que «hoje, aqui nesta sinagoga, tomamos novamente consciência de ser povo a caminho e nos colocamos na presença de Deus. É um ato de andar para olhá-lo e de nos deixarmos olhar por Ele, para examinar nosso coração em Sua presença e perguntar se caminhamos bem. Também eu o faço, como caminhante, junto aos senhores, meus irmãos mais velhos».

Após utilizar várias vezes as palavras «fidelidade» e «ternura» para referir-se a «esse Senhor que é misericordioso e paciente», disse que «hoje seguramente encontraremos coisas que lamentamos e situações nas quais não caminhamos em Sua presença. O que se pede a nós é lealdade para reconhecer isso, mas principalmente que não nos escondamos na obscuridade da culpa e que coloquemos tudo sob o olhar de Deus fiel. E isso o fazemos com coragem e confiança, sabendo que Sua fidelidade implica infinita ternura, conscientes de que é Ele quem nos convida a nos aproximarmos para derramar essa fidelidade-ternura em abundante misericórdia».

Em 2010, durante uma comemoração do atentado contra uma Sinagoga de Buenos Aires em 1994, o Cardeal Bergoglio chamou-a de “uma casa de solidariedade” e acrescentou que “Deus os abençoe e os ajude a cumprir seu trabalho”, o que demonstrou sua dedicação e apoio em erguer-se contra o extremismo. No mesmo ano, juntamente com o Rabino Argentino Abraham Skorcka, publicou o livro “No Céu e na Terra” dirigindo assuntos de diálogo religioso.

6. PAPA FRANCISCO E OS JUDEUS

Em um de seus primeiros atos como pontífice, o papa Francisco mandou, em 14 de março de 2013, uma mensagem à comunidade judaica de Roma, dizendo que espera ser capaz de contribuir para promover boas relações entre católicos e judeus.

O novo papa convidou o rabino-chefe de Roma, Sr. Riccardo Di Segni, para sua missa inaugural no Vaticano: "No dia da minha eleição como Bispo de Roma e Pastor



Universal da Igreja Católica, envio minhas cordiais saudações, anunciando-lhe que a solene abertura do meu pontificado será na terça-feira, 19 de março”, começa a mensagem papal: *"Confiando na proteção do Altíssimo, espero vivamente poder contribuir para o progresso que as relações entre judeus e católicos conheceram a partir do Concílio Vaticano II, num espírito de renovada colaboração e a serviço de um mundo que possa estar cada vez mais em harmonia com a vontade do Criador"*.

A carta do papa chegou à sede da Comunidade Judaica de Roma poucas horas depois da saudação, na qual o mesmo rabino-chefe Riccardo Di Segni, havia desejado um bom pontificado a Jorge Bergoglio, conforme informou o site católico romano Zenit:

"Expresso os melhores desejos a Jorge Mario Bergoglio, eleito Papa Francisco. Que possa guiar com força e com sabedoria a Igreja Católica nos próximos anos. As relações da Igreja com a Comunidade Judaica de Roma e o diálogo com o judaísmo deram passos importantes. A esperança é que se possa continuar o caminho no sinal da continuidade e das boas relações".¹²

Entrevistado pela Rádio Vaticano, Di Segni afirmou: "Partilhamos os sentimentos de nossos irmãos cristãos que agora têm um novo pontífice, ao qual desejamos força e sabedoria para desempenhar essa grande tarefa, por longos anos. Não conhecemos diretamente o Papa. Ele vem de uma terra distante para nós, mas das primeiras informações parece-nos que foi um cardeal muito atento à relação de respeito com outras religiões e particular com o judaísmo. Então, isso nos dá a esperança de que tudo o que foi semeado de bom no passado, dê bons frutos. Acredito que existem premissas importantes".

A) CONSCIENTIZAR-SE DO PATRIMÔNIO ESPIRITUAL COMUM

Ir. Pierre Lenhardt, no seu livro *"A Escuta de Israel, na Igreja"*, ilumina a importância desse melhor conhecimento das fontes da literatura rabínica, da literatura e tradições judaicas, pois estas nos ajudarão a crescer na real "identidade cristã que tem necessidade de se referir à identidade judaica, enquanto a identidade judaica não depende da identidade cristã".¹³ Isso é comprovado quando o próprio Apóstolo Paulo de Tarso afirma aos cristãos vindos das nações Antiga Aliança pagãs: "Se a raiz é santa, os ramos também são santos. (...) Toma consciência de que não és tu que sustentas a raiz, mas é a raiz que te sustenta".¹⁴

B) A ANTIGA ALIANÇA NÃO FOI JAMAIS REVOGADA¹⁵

¹² Cf. www.zenit.org

¹³ Pierre Lenhardt. *À l'Écoute d'Israel, en Église (Tomo II)*. Paris, 2009. Éditions Parole et Silence. P: 5.

¹⁴ Cf. Rm 11, 16.18.

¹⁵ Papa João Paulo II, em 17 de novembro de 1980, citado na *Comissão pelas Relações Religiosas com o Judaísmo*. Notas para uma correta apresentação judaica e do judaísmo na pregação e na catequese da Igreja Católica. 24 de junho de 1985.



A Igreja ensina que “a aliança não foi jamais revogada, anulada. Ela recusa aquilo que foi chamada de ‘a Teologia da Substituição’ e suas inumeráveis formulações que ela inspirou no decorrer dos séculos”.¹⁶

C) A RAIZ SANTA: A IMPORTÂNCIA DA TORAH (ESCRITA E ORAL) PARA A VIDA DA IGREJA

A Torah transmitida a Moisés e recebida por Israel é recebida pela Igreja. Esta Torah, que vem dos judeus, constitui o patrimônio comum no qual a Igreja recomenda pesquisar e estudar os seus elementos fundamentais.

Embora a *Torah* se dirija principalmente aos filhos de Israel, ela contém diretrizes para todos os homens, de todos os credos. As leis rituais, relacionadas com a prática religiosa, constituem apenas uma parcela dos seus preceitos. Os mandamentos da *Torah*, suas regras e estatutos, abrangem todos os aspectos da vida e do comportamento humano, especialmente a ética e a moralidade. São leis "vivas" constantemente reinterpretadas e atualizadas em função do mundo contemporâneo. A *Torah* é a constituição do povo judeu. É o alicerce da fé judaica. É o que torna o judeu verdadeiramente judeu.¹⁷

Jesus era judeu, nascido de mãe judia. Mais ainda, ele se considerava um judeu fiel às suas origens. Seus ensinamentos derivam das leis e das tradições judaicas com as quais ele se criou, e que ele jamais negou. Jesus era chamado de "Rabino" e freqüentava o Templo de Jerusalém, junto com seus discípulos. A grande maioria dos católicos não tem consciência destes fatos, pois as divergências posteriores entre Igreja e Sinagoga resultaram num processo de esquecimento das origens judaicas do cristianismo.¹⁸

A Igreja de Cristo está enraizada na vida e no pensamento do Povo de Israel. Ela se sustenta nos ensinamentos judaicos dos patriarcas e profetas, reis e sacerdotes, escribas e rabinos. Jesus é o elo através do qual toda a cristandade passa a ser incluída como descendente de Abraão, e portanto coerdeira, juntamente com os judeus, do seu grandioso legado espiritual.¹⁹

Judeus e cristãos têm em comum o **TaNaK** (**Torah** – O Pentateuco: Genesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – **Nebiim**: Os Profetas – **Ketubim** – Os Escritos, Salmos, Provérbios e outros escritos), parte da Bíblia comumente chamada de Antigo Testamento. Seu valor é próprio e perpétuo e contém a Revelação do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó que é o Deus de Jesus Cristo, dos Apóstolos e da Igreja. A Igreja primitiva só tinha esta Escritura Sagrada. O Novo Testamento veio em seguida. Por isso, o Antigo Testamento não pode ser considerado em oposição ao Novo Testamento. A Bíblia toda é Revelação que convida ao Amor a Deus e ao próximo. "*Ouve ó Israel: o*

¹⁶ Cf. Guia para o diálogo Católico-Judaico no Brasil, *Estudos da CNBB – 46 – 1986*. P: 6.

¹⁷ Cf. *Ibidem*. P: 10

¹⁸ Cf. *Ibid.* P: 16.

¹⁹ Cf. *Ibid.* P: 17.



Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Dt 6,4; Mc 12,29). A proclamação da unicidade de Deus é a fé originária de Israel. Jesus, em seus diálogos teológicos no evangelho, a indica como o primeiro de todos os mandamentos. O povo judeu vive desta verdade, a testemunha e a proclama todo dia com a sua existência.²⁰

D) A CATEQUESE E OS ENSINAMENTOS DA IGREJA SOBRE OS JUDEUS

A catequese foi sempre considerada pela Igreja como uma de suas tarefas prioritárias. Através da catequese, a Igreja transmite de modo orgânico os princípios da fé, sua tradição e a prática que deve acompanhar esta fé. Por isso, a catequese é também o meio privilegiado de preservar idéias e práticas, tornando-as cada vez mais conformes com o evangelho.

A catequese é fonte de vida, partilha e comunicação das experiências de Deus, feita pelos homens e pelo povo de Deus através dos tempos que encontramos na Escritura e na Tradição. Não é um simples saber ou conhecimento do Novo Testamento. Trata-se da experiência, visão e espírito bíblico do Deus que se revela na história e que se dá a conhecer. A transmissão dessa experiência de Deus na história nos coloca diante do povo de Israel. Ela se faz através das Escrituras e do próprio povo judeu que nos deu Jesus Cristo.

E) RAÍZES E HERANÇAS JUDAICAS

As primeiras comunidades judeu-cristãs se formaram através de Jesus e de seu povo. Delas recebemos um patrimônio pelo qual nos tornamos responsáveis. O Novo Testamento está profundamente marcado por suas relações com o Antigo Testamento. Um dos princípios orientadores da catequese é lembrar que o Antigo Testamento é primeiramente Escritura judaica, comum a judeus e cristãos. Jesus, Maria e os primeiros discípulos eram judeus. Foram os primeiros a aceitar Jesus como Messias. Jesus nasceu, viveu e morreu como judeu.

O judaísmo no tempo de Jesus não era uma unidade homogênea, mas bastante complexa. O conhecimento dessa complexidade evitará a perpetuação de diversos preconceitos, estereótipos de espírito antijudaico. Perceber as divergências religiosas entre saduceus, zelotas, essênios, fariseus. Aprofundar sobretudo o conhecimento do fariseu a partir da tradição judaica, e não somente da apresentação que se faz no Novo Testamento surgido num contexto polêmico. Descobrir a importância dos mestres judeus no tempo de Jesus, o seu respeito pela Escritura. A busca e a interpretação das mesmas Escrituras.

Conhecer o *Midrash* e sua utilização pelos mestres, a tradição oral e o método pedagógico próprio do ensino nas sinagogas. Situar Jesus Mestre no contexto dos

²⁰ Cf. Ibid. P: 18.



mestres de seu tempo, para melhor descobrir sua pedagogia e assim melhor transmitir sua mensagem.

Ressaltam-se a importância da sinagoga e seu lugar na vida judaica desde o tempo de Jesus, a liturgia sinagoga e as festas judaicas vividas por Jesus e pelo povo judeu hoje, o sábado e a santificação do tempo, as raízes da liturgia cristã radicadas na liturgia judaica. O judaísmo não terminou em 70 com a destruição do Templo! Foi o que pensaram os cristãos durante séculos. Os cristãos de hoje testemunham e convivem junto ao povo judeu e com o Estado de Israel.²¹

F) TRADIÇÃO ORAL – TORAH ORAL

A *Torah* é o centro de onde tudo se irradia e para o qual toda a vida judaica converge. Consciente de tudo o que ela significa, o povo judeu desenvolveu uma verdadeira veneração pela *Torah*. A *Torah* é doutrina, ensinamento, instrução, direção e também lei. É doutrina essencialmente voltada para a prática, é Revelação enquanto expressão da vontade divina a ser realizada e obedecida, caminho de justiça, de santidade, de verdade que leva à vida. Ao lado da Escritura, a *Torah* Escrita, temos a *Torah* Oral que tem a mesma autoridade. Foi codificada aos poucos pela literatura rabínica.

De acordo com a posição tradicional judaica, se a *Torah* Escrita data diretamente de Moisés e contém uma revelação recebida no Sinai, a mesma coisa se afirma da *Torah* Oral. Sua função é dupla: de um lado ela completa, de outro ela interpreta e aplica a *Torah* Escrita. O problema da aplicação da *Torah* Escrita não cessa de se colocar em todas as épocas.

A tradição oral – tradição interpretativa – foi transmitida pelos mestres oralmente desde o exílio. Essas interpretações foram recolhidas por escrito, durante os séculos II a VIII d.C., dando nascimento às obras que conhecemos como *Talmud* e *Midrash*.

O *Talmud* inclui dois diferentes elementos: a *Halakáh* (lei) e a *Hagadáh* (narração). A *Halakáh* reúne os estatutos da Tradição Oral, enriquecidos pelas discussões das escolas da Palestina e da Babilônia, para alcançar as fórmulas definitivas da Lei. A *Hagadáh*, partindo também do texto bíblico, ensina por meio de lendas, alegorias, reflexões de moral e reminiscências históricas.

A palavra *Talmud* referia-se, no princípio, somente à *Guemará*; posteriormente o nome veio a ser aplicado a ambos: *Mishnáh* e *Guemará* e têm a seguinte relação entre si: a primeira é o texto e a segunda o comentário. O *Talmud* consiste de sessenta e três livros legais, éticos e históricos escritos pelos antigos rabis.

O modo de interpretar e fazer "*midrash*" era comum aos tempos de Jesus. Através de parábolas, pequenas histórias, fatos, citação da Escritura, explicava-se o que Deus e a

²¹ Cf. Ibid. P: 41.



vontade divina esperavam e convocavam o povo a realizar. Nos Evangelhos, vamos encontrar inúmeras parábolas de *midrash* hagádico e também comentários halálicos.²²

G) PARASHÁ – PORÇÃO SEMANAL DA PALAVRA DE DEUS LIDA NA SINAGOGA

O CICLO DE LEITURAS DA TORAH AOS SÁBADOS (SHABAT):

Um ciclo continuado de leituras da Torah é previsto pela literatura rabínica. Outras indicações falam que na Babilônia havia um ciclo anual de leitura enquanto que na Terra de Israel havia um ciclo de leituras a cada três anos. Em alguns momentos havia ciclos diferentes, não homogêneos, variando de um lugar para outro.

Em Israel essas porções de trechos da Torah eram chamadas de *Seder* enquanto na Babilônia eram conhecidos como *Parashá*. Este conhecido ciclo da Babilônia dividiu a Torah (o Pentateuco) em 54 perícopes (pequenos trechos de unidades bíblicas).²³

Dentro de cada *Parashá* sempre apresentaremos também a indicação da Leitura dos Profetas: a chamada *Haftará*, ou *Conclusão*, que já é atestada no Novo Testamento.²⁴

A *Haftará* são as leituras dos livros proféticos, recitados na Sinagoga após a leitura da Torah durante o ofício da Manhã, no Shabat, nos Dias Festivos e mesmo nos ofícios vespertinos em Dias de Jejum. Algumas passagens do Talmud dão a entender que essas leituras dos livros dos Profetas eram já lidas bem antes da destruição do Segundo Templo. Outros especialistas da História da Liturgia afirmam que o início da leitura da *Haftará* se deu por causa das perseguições antijudaicas decretadas por Antíoco Epífanes em 165 a. C., que proibiu o estudo e a leitura pública da Torah (do Pentateuco). Os sábios de Israel decidiram então “substituir” cada seção conhecida da Torah por uma passagem dos Profetas cujo tema seria relacionado ao do trecho bíblico agora proibido.²⁵

H) O MIDRASH – OS MIDRASHIM – A TRADIÇÃO E A TORAH ORAL

O *Midrash* – Se analisarmos a origem do verbo hebraico *darash*, que significa procurar, perguntar, indagar..., começamos a nos aproximar da sua correta compreensão. No próprio livro das Crônicas (cf. 2Cr 13,22) lemos: “*As demais atividades de Abias, o que fez e o que disse, está tudo escrito no Midrash (comentário) do profeta Ado*”. Também

²² Cf. Ibid. P: 42.

²³ Cf. H.L. STRACK e G. STEMBERGER. *Introduction au Talmud et au Midrash*. Paris, 1986. Cerf. “Les Midrashim”, p: 282.

²⁴ Cf. Lc 4,17 e At 13,15

²⁵ Cf. Dictionaire Encyclopédique du Judaïsme. Paris, 1996. Cerf. P: 408.



lemos na Bíblia em outra passagem (cf. 2Cr 24,27): “*Os filhos de Joás, os vultosos tributos por ele arrecadados, a restauração na Casa de Deus, tudo isto está registrado no comentário (Midrash) do Livro dos Reis. Seu filho Amasias tornou-se rei em seu lugar*”.

Strack e Stemberger em seu livro clássico sobre a Introdução ao Talmud e ao Midrash apontam como a primeira comprovação da Casa de Estudo (bet ha-*midrash*) está indicada no livro de Sirácida ou Eclesiástico – Cf. Eclo 51, 31(23): “*Aproximai-vos de mim, ó ignorantes e reuni-vos na Casa da Instrução*”.²⁶

O *Midrash* se oferece como a *procura* e o *estudo*, se revela tanto na sua teoria como naquilo que o completa: a sua ação, ou seja, na prática daquilo que se procurou (e se encontrou) no estudo do texto bíblico.

A importância ou especificidade do *Midrash* é que ele é um tipo de literatura, seja oral (transmitida de geração em geração), seja escrita, e sempre está diretamente relacionado com um texto canônico que tem a autoridade de uma palavra revelada por Deus. Mais do que uma exegese especializada e objetiva, o *Midrash* é entendido também como uma atividade religiosa que procura iluminar e demonstrar que existe uma unidade indestrutível entre Israel e a Bíblia. E isso comporta uma atualidade e validade permanentes.

Quase todos os *Midrashim* (plural de *Midrash*) nasceram na Terra de Israel. Podem se apresentar em tipos de *Midrash* mais relacionados às leis judaicas, as *Halakhot* (*Midrashim halakhicos*) ou relacionados às narrações – *Hagadá*, referentes a textos bíblicos (*Midrashim agádicos*). E podem ser compreendidos também noutro grupo: os *Midrashim exegéticos ou homiléticos*, quanto à sua interpretação.

Outra importante definição relaciona o *Midrash* como interpretação, “como o comentário rabínico da Bíblia feito com o objetivo de explicitar diversos pontos jurídicos ou favorecer um ensinamento moral recorrendo aos diversos gêneros literários: textos, parábolas e histórias”.²⁷ Esta realidade do estudo do texto bíblico e o seu ensinamento é assim comprovado no Povo de Israel, conforme se lê no livro de Esdras: “*Pois ele (Esdras) se aplicara de todo o coração ao estudo (no original hebraico “drash”) e à prática da Lei do SENHOR e se propusera a ensinar aos israelitas as leis e os costumes*”.²⁸

CONCLUSÃO

Buscou-se com esse método de estudar a Bíblia manifestar que “toda a Torah” é um ensinamento seguro e importante que a comunidade deve escutar e colocar em prática. “Toda a Torah” não significa somente a Torah escrita (Pentateuco, Profetas e Escritos),

²⁶ Cf. Ibid. P: 274.

²⁷ Cf. Dictionaire Encyclopédique du Judaïsme. Paris, 1996. Cerf. P: 672.

²⁸ Cf. Esd 7,10.



mas toda a Torah Oral. Nesse sentido é belo o ensinamento do mestre Hillel que, 30 ou 40 anos antes de Jesus Cristo, definiu “toda a Torah” por sua Regra de Ouro: “Aquilo que te é detestável não o faças ao teu próximo; aqui está toda a Torah, o resto nada mais é que o seu comentário. Vá e estuda!”²⁹

Pierre Lenhardt explica que “esta Torah Oral é anterior à Torah Escrita, a gera e a recebe, a transmite e a interpreta. A Torah Oral engloba a Torah Escrita e permanece sempre maior que a exegese que fez desta Torah Escrita. A Escritura está dentro da Tradição”.³⁰

No entanto, a preocupação maior não é o de “adaptar” o patrimônio da literatura judaica sobre a Torah ao cristianismo. A fé cristã é coerente com a Palavra de Deus que herdamos do judaísmo, todo o Novo Testamento nasceu e viveu dentro de um contexto judeu.

A fé cristã, portanto, só tem a se enriquecer com o estudo dessas fontes e dessa literatura judaica e ensinamentos sobre a Palavra de Deus revelada e transmitida através de tantos homens e mulheres de fé em Deus. Nossa fé cristã está ligada e bem articulada em Jesus Cristo ao Único Deus, ao judaísmo e às suas tradições paternas manifestadas nas suas fontes orais e escritas. Procuremos não tentar “adaptar” ou “amoldar” o judaísmo ao que esperamos dele. Procuremos escutar simplesmente as fontes bíblicas falarem por si mesmas, ouvir como Deus se revela na Torah, nos cinco livros, em cada vocação, em cada homem e em cada mulher de fé que procura ouvir a Palavra de Deus que Se revela à humanidade sonhada e criada pelo próprio Deus, educada por Ele através de tantas gerações e séculos.

Procuremos igualmente ouvir, conhecer, estudar, atualizar as iniciativas divinas, a justiça e a bondade de Deus, a determinação divina em caminhar *com* o Seu povo, para sempre, numa Aliança que será sempre irrevogável, impossível de ser anulada.

P. Hartman fala de uma “alegria da Torah”. E esse também é o objetivo deste trabalho. Muitos de nós, cristãos, crescemos com o ensino e a compreensão de uma Torah que seja um peso, um fardo impossível de ser vivido.

As porções semanais do Pentateuco lidas na Sinagoga procuram tornar sempre viva a memória e a ação constante de Deus como um “Professor” que a cada sábado, a cada dia nos ensina novamente a lição a ser aprendida. Termina-se o ciclo de leituras no Deuteronômio e no mesmo dia (Shabbat) começa-se novamente o mesmo trecho do Ciclo das Leituras da Torah a ser lido no livro do Gênesis. E isso é motivo de grande alegria! Com todos os rolos da Sinagoga em procissão com cantos em meio ao povo de fé! Um Deus que na Bíblia, ao doar a sua Torah, “considera as imperfeições humanas, ou melhor dizendo, onde a Torah irá sempre refletir essa dialética tensão entre a

²⁹ Cf. Shabbat 31a.

³⁰ Pierre Lenhardt. *À l'Écoute d'Israel, en Église (Tomo II)*. Paris, 2009. Éditions Parole et Silence. p: 159.



aspiração divina e a humana imperfeição”.³¹ Por isso a Torah, cheia dessa “pedagogia” divina vem em auxílio de nossa inclinação humana egoísta e esquecida das ações memoráveis e fortes de Deus para nos salvar.

Sempre é útil lembrar o belo Midrash que conta como Moisés, quando subiu ao Monte Sinai, percebeu que os anjos tinham ido antes falar com o Santo, Bendito Ele seja:

*“Soberano do Universo! O que teria a fazer um filho nascido de mulher aqui entre nós? E o Eterno respondeu: Ele veio para receber a Torah. ‘O sagrado tesouro, que esteve guardado por Vós por novecentas e setenta e quatro gerações antes do mundo ser criado, e agora Vós quereis dar a Torah para a carne e o sangue! O que é o ser humano para que Vós o considereis tanto assim? Ó SENHOR, nosso Deus. Quão grande é o seu Nome em toda a terra! Vós que colocastes a Tua Glória (a Torah) sobre os céus!’ E Deus, bendito seja, disse a Moisés: ‘Vá até os anjos e responda para eles, pois não querem que a Torah saia dos céus!’”. Moisés então falou perante Deus: “Soberano do Universo! A Torah, que o SENHOR me dá, o que está escrito nela?” “Eu Sou o SENHOR Deus que te tirei da terra do Egito”. E Moisés disse aos anjos: “Vocês foram até o Egito? Vocês foram escravizados pelo Faraó? Por que então a Torah deveria estar com vocês? Vocês habitam entre povos que se dedicam à adoração de ídolos? Novamente o que está escrito na Torah? ‘Guardai o dia do Sábado, para santificá-lo’. Vocês realizam trabalho, para que necessitem descansar? Novamente o que está nela escrito? ‘Não usarei o Santo Nome de Deus em vão’. Por acaso isso ocorre entre vocês? Novamente o que nela está escrito? ‘Honrar pai e mãe’. Vocês têm pais ou mães? Novamente, o que nela está escrito? ‘Não matarás. Não cometerás adultério. Você não deve roubar’. Existe ciúme entre vocês? O tentador do mal vive entre vocês? Imediatamente então os anjos concordaram que a Torah fosse doada pelo Eterno Deus aos homens”.*³²

Todos nós precisamos dessa Bendita Palavra de Deus para nos ajudar a ser melhores! Deus se dirigiu com a Sua Palavra e continua a fazê-lo para uma comunidade de filhos nas suas imperfeitas e humanas condições.

“Deus, ao doar a Torah, deseja comunicar às pessoas a Sua Alegria e Amor como uma resposta à nossa humanidade. Deus amou a Casa de Israel e por isso lhe deu a Torah”.³³ E o povo muito se alegrou com esse presente. Existe uma alegria nessa aceitação da Palavra de Deus na sua vida, existe uma alegria em cumprir os preceitos da Bíblia! E procura-se manifestar o amor humano de fé a esse Deus em praticar os mandamentos com alegria.

Portanto, procuremos ouvir melhor a Palavra de Deus, conhecer melhor a Torah, alegrarmo-nos com esse estudo semanal da Palavra de Deus, um trecho por semana, e, sobretudo, procurar deixarmo-nos questionar e transformar pelo texto bíblico. “Ben Bag Bag dizia : Vira e revira (a Torah), pois tudo nela se encontra; contempla-a, envelhece e

³¹ P. HARTMAN, *A Heart of many rooms*. Woodstock (Vermont) 1999, p:40-41.

³² Cf. Shabbat 88b.

³³ Hartman. Idem. P: 45.



consome-te nela, mas nunca te afastes dela, pois não tens porção melhor” (Mishná, Pirkei Avôt, 5,22).

BIBLIOGRAFIA

DICTIONNAIRE ENCYCLOPÉDIQUE DU JUDAÏSME. Paris: Cerf, 1996.

GROSS, Fernando. *O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga. Aprendendo com as tradições rabínicas de Israel. Coleção Judaísmo e Cristianismo*. 2.ed. São Paulo: CCEJ e Edições Fons Sapientiae, 2015.

HARTMAN, Paul. *A Heart of many rooms*. Woodstock: Vermont, 1999.

LENHARD, Pierre. *A Torah oral dos fariseus: textos da tradição de Israel*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *À l'Écoute d'Israel, en Église (Tomo II)*. Paris: Éditions Parole et Silence, 2009.

LUSTIGER, Jean Marie. *La Promesse*. Paris: Ed. Parole et Silence, 2002.

REMAUD, Michel. *Paroles d'Évangile, paroles d'Israel*. Paris: Parole et Silence, 2012.

STRACK Hermann; STEMBERGER, Gunter. *Introduction au Talmud et au Midrash*. Paris: Cerf, 1986.